

Armando Freitas Filho

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Como tempos que podem usar ou não o mesmo relógio, o mesmo e estrito calendário. Na primeira hipótese, continente e conteúdo se interpenetram, implícita ou explicitamente. N'A *rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade (1945), há bons exemplos dessas duas formas de ser e atuar: "Áporo" é um poema que, como já foi demonstrado por inúmeras análises, tanto pode servir como uma arte poética, como pode representar, talvez desprevenidamente, o contexto de "guerra e paz" em que se vivia naqueles idos. Em "Nosso tempo", o retrato da guerra, interior ou exterior, se dá sem nenhuma mescla ou alegoria. Sessenta e cinco anos depois da publicação de ambos, parece que a tinta com que foram escritos ainda não secou de todo, tal a sua atualidade: embora escritos em cima dos acontecimentos eles perduraram e... se anteciparam; têm fruição garantida no "nosso tempo" de hoje. Mas existem, numa segunda hipótese, os autores que, na maioria dos casos de forma intencional, geralmente no começo de carreira, se deixam impregnar por aquilo que está no ar, apenas sugerido ou adivinhado; muitas vezes, esses bandeirantes se sacrificam e pagam um preço alto por este pioneirismo, já que, ao forçarem a mão para marcar enfaticamente a novidade necessária, ficam datados como nomes curiosos e interessantes mais para a crítica literária do que para a posteridade em geral, pois não souberam ou não puderam transcender àquele momento.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Em poucas palavras, não poderia dizer melhor o que disse neste poema publicado no meu livro *De cor*, de 1988:

Na mesa morta

Da idade média de todos os meios
espremo o que escrevo
e o que sobra, só
é o nu sem nuvens
tão no extremo terrível do trampolim
que é expresso somente por si:
o mínimo múltiplo comum
sol, sinal, soul
eu, íntimo
exprimo o que escravo
ficou no fim, e não foi ao ar.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Esta pergunta poderia ser mais bem respondida por aqueles que me leem e comentam. Tudo o que me vem acerca desta questão, sem falsa modéstia, me parece pretensioso, pois não alcança a alteridade possível, nem a isenção razoável.

Como você pensa a forma literária?

Como algo que se dá nas entrelinhas dos discursos estabelecidos. Em poesia, então, livre do mercado, cálculo e acaso colaboram para compor este objeto complexo que é o poema moderno, um mix de tradição e ruptura.

Armando Freitas Filho (1940) é autor de *Máquina de escrever: poesia reunida e revista* (Nova Fronteira, 2003). Publicou recentemente *Lar* (Companhia das Letras, 2009).